

LEGENDA MENOR (Lm)

INTRODUÇÃO

Vem-lhe o nome da comparação com a Legenda Maior, da qual é um resumo. Foi composta por S. Boaventura, provavelmente em Paris, simultaneamente ou pouco depois daquela, portanto aí por 1262. Destinava-se a ser usada no ofício divino, onde deveria substituir a anterior Legenda ad usum Chori composta por Tomás de Celano, por altura da canonização de S. Francisco. Lia-se durante a oitava da festa e, por isso, assim dividida em sete capítulos com nove parágrafos cada um, correspondentes às nove lições de cada dia.

É uma obra-prima de concisão, densidade histórica, riqueza teológica e beleza de dicção. De novidade no campo informativo, pouco tem; mas, entre esse pouco, está um episódio delicioso, de referência muito pessoal, que Boaventura não se coibiu de mencionar, não obstante o uso público a que a legenda se destinava – a sua cura miraculosa. «Era eu ainda criança, quando fiquei gravemente doente. Pois bastou que minha mãe fizesse uma promessa ao Pai S. Francisco, para logo me ver arrebatado das fauces da morte e restituído à vida, incólume e robusto. Guardo ainda desse facto uma lembrança viva, e tenho gosto em o proclamar em público, pois não queria que o meu silêncio me fizesse passar por ingrato»¹.

Na presente tradução servimo-nos da edição crítica de Quaracchi² com os melhoramentos introduzidos pelo P. M. BIHL³.

¹ Lm VII, 8.

² AF X p. 653-678.

³ Ibid. p. LXXI-LXXII e LXXXVII-LXXXVIII.

LEGENDA MENOR DE S. FRANCISCO (Lm)

RESUMO DA VIDA DE SÃO FRANCISCO

I – A CONVERSÃO

1. ¹ Nestes últimos tempos *manifestou-se* ao mundo a *graça de Deus, nosso Salvador* ⁴, na pessoa do seu servo Francisco. O *Pai das misericórdias e das luzes* ⁵ enriqueceu-o duma profusão de bênçãos⁶: não se contentou com retirá-lo das trevas da morte para o restituir à luz da vida, ² mas ainda o enalteceu em virtudes e em méritos, até àquela graça extraordinária de nele reproduzir o glorioso mistério da cruz. Isto se depreende com toda a evidência do teor da sua vida.

³ Era ele natural da cidade de Assis, nos confins do vale de Espoleto. Da mãe recebera primeiramente o nome de João. Depois, o pai preferiu chamar-lhe Francisco. E se prevaleceu o nome proposto pelo pai, nem por isso se perdeu nele o sentido profundo do nome recebido da mãe. ⁴ Efectivamente, se bem que tenha passado a juventude num ambiente de frivolidade – frivolidade de coisas e de pessoas – e depois de alguns estudos se tenha lançado à lucrativa actividade de negociante, no entanto, com a ajuda do Céu, nunca se deixou aliciar pelas paixões carnis – apesar de lidar com colegas às vezes pouco honestos – *nem tão-pouco se apegou às riquezas e ao dinheiro* ⁷ – embora convivendo com negociantes gananciosos.

2. ¹ Na alma do jovem Francisco adivinha-se já, como semente divina a germinar, uma rara ternura e uma singular compaixão para

⁴ Heb 1, 2; Tt 2, 11.

⁵ 2Cor 1, 3; Tg 1, 17.

⁶ Sl 20, 4.

⁷ Ecl 31, 8.

com os pobres. À medida que ia crescendo, mais esses sentimentos se lhe iam arraigando no coração, a ponto de tomar a decisão de dar sempre o que lhe pedissem, sobretudo se lho pedissem por amor de Deus: não era surdo à voz do Evangelho. ²De facto, foi ainda na flor da juventude que fez aquela promessa solene de, na medida do possível, nunca recusar nada que lhe fosse pedido por amor do Senhor. Um propósito tão nobre, cumprido fielmente até à morte, não podia deixar de atrair sobre ele um caudal de graças e do amor para com Deus. ³Quer isto dizer que já desde tenra idade havia uma pequenina chama do amor divino a inflamar-lhe o coração. Mas sendo ainda um rapaz novo, e mergulhado como estava num mar de ambições terrenas, ignorava por completo os desígnios do Céu a seu respeito – até ao momento em que o Senhor lhe deu como um safanão: uma doença grave e prolongada a afligir-lhe o corpo, e a unção do Espírito Santo a iluminar-lhe a alma.

3. ¹ Enquanto ia recobrando as forças corporais, ia também sofrendo uma metamorfose na alma. Assim, aconteceu um belo dia cruzar-se com um cavaleiro de nobre linhagem, mas reduzido à penúria. Essa figura sugeriu-lhe a imagem de Cristo, Rei generoso, que se quis tornar pobre; e levou-o imediatamente a despir as roupas ainda novas que trazia, para com elas vestir esse necessitado.

² Na noite seguinte, enquanto dormia, sonhou com um enorme e maravilhoso palácio, todo adornado de armas militares marcadas com o sinal da cruz. ³ Era, sem dúvida, uma revelação do Senhor, por ele ter socorrido por seu amor o pobre cavaleiro. E constituía também a promessa garantida de que tudo aquilo seria para si e seus soldados, se tivesse a coragem de tomar a cruz de Cristo por estandarte.

⁴ A partir desse momento, começou a desligar-se da azáfama dos negócios e a retirar-se para lugares solitários, onde pudesse curtir seus desencantos. ⁵ Após longas e instantes orações, entrecortadas de gemidos inenarráveis, a pedir ao Senhor que se dignasse revelar-lhe o caminho da perfeição, mereceu finalmente ser atendido.

4. ¹Um dia que assim se entregava à oração solitária, apareceu-lhe Cristo Jesus em forma de Crucificado, interpellando-o com estas palavras: «*Quem quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz, e siga-me*»⁸. Esta passagem do Evangelho marcou-o profundamente: inflamou-lhe a alma num incêndio de amor, ²ao mesmo tempo que lha submergiu num oceano de amargura. ³Perante essa visão do Crucificado, não podia deixar de se sentir como derretido de amor – mas, por outro lado, a lembrança da Paixão de Cristo ficou-lhe tão indelevelmente gravada no coração, que daí para o futuro a trazia sempre diante dos olhos, e nem mesmo exteriormente conseguia reprimir as lágrimas e os suspiros de dor.

⁴O primeiro passo estava dado: por amor de Cristo, já *começava a sentir um certo desprezo pela fortuna da casa paterna e a vislumbrar um tesouro oculto e o brilho duma pérola preciosa*⁹. Firmemente decidido a encontrá-los, começou a organizar a vida no sentido de ir trocando os negócios do mundo por negócios do Céu, à boa maneira dum comerciante evangélico.

5. ¹Tendo ele certo dia saído para meditar na solidão campestre, passou junto duma capela dedicada a S. Damião, que, de tão velhinha, ameaçava ruína. Por impulso do Espírito Santo, entrou nela para orar. Prostrado diante dum Crucifixo, sentiu a alma invadida duma consolação e duma doçura extraordinária. ²E ao erguer para a Cruz do Senhor os olhos banhados em lágrimas, ouviu, com os seus ouvidos corporais, uma voz misteriosa, vinda dessa mesma Cruz, a repetir-lhe por três vezes: ³«Francisco, vai reparar a minha casa, que, como vês, está quase a desmoronar-se!».

⁴O impacto provocado por essa voz assombrosa fez com que Francisco, num primeiro instante, ficasse estarrecido. Mas não tardou a sentir-se inundado de espanto e de alegria. E sem mais delongas, levantou-se, todo absorvido a pensar na melhor maneira de pôr em prática a intimação do Crucificado – de reparar os muros dessa igreja material. ⁵Ainda não se apercebera do sentido

⁸ Mt 16, 24.

⁹ Mt 13, 44-46.

profundo daquele convite, que se referia à Igreja viva, edificada por Cristo com o preço inestimável do Seu sangue¹⁰. Só mais tarde o Espírito Santo lho revelou, e ele mesmo o comunicou aos companheiros mais íntimos.

6. ¹ Começou logo por se desfazer, na medida do possível, de tudo, por amor de Cristo, levando o dinheiro ao pobrezinho capelão da referida igreja, para reparação da mesma e para as necessidades dos pobres. ² Além disso, pediu-lhe que o deixasse ficar ali a viver com ele durante algum tempo. ³ Quanto a ficar ali, não havia objecção; com respeito ao dinheiro, porém, o sacerdote recusou-o, com receio da família do jovem. Então Francisco, num gesto decidido de total desinteresse, arremessou para o canto duma janela essas moedas metálicas, sem mais valor para ele do que lixo ou pó.

⁴ Não tardou em ser informado da fúria do pai contra ele por causa dessa sua atitude. A ver se entretanto acalmavam os ânimos, foi-se esconder numa gruta desconhecida de todos, para orar, chorar e jejuar.

⁵ Finalmente, sentiu-se invadido duma alegria sobrenatural e duma coragem sobre-humana: cheio de intrepidez, sai do seu esconderijo e entra na cidade sem hesitação. ⁶ Quando alguns rapazolas o viram chegar assim, desfigurado no rosto e transtornado no espírito, julgaram que de facto ele tinha endoidecido, e começaram a atirar-lhe todas as porcarias e a dirigir-lhe os insultos mais grosseiros. Sem fazer o mínimo caso desses vexames, Francisco passava, inalterado e impávido, no meio desse alarido, como se não fosse nada com ele.

7. ¹ O mais enraivecido e furioso de todos era o pai: dava a impressão de ter perdido aquela compaixão natural que até os próprios irracionais mostram ter para com os filhos. Começou por levá-lo de rastos para casa; depois açoitou-o; e finalmente prendeu-o. Pensava ele que, retraçando-lhe o corpo à chicotada, lhe domaria o espírito para os atractivos do mundo... ² Mas enganou-se, e não teve outro remédio senão render-se à evidência: o servo

¹⁰ Act 20, 28.

do Senhor estava pronto a suportar por Cristo os mais duros sofrimentos.

Vendo que não conseguia por tais meios demovê-lo dos seus propósitos, começou a insistir com ele que fossem ambos perante o bispo da cidade, a fim de ele nas mãos do prelado renunciar formalmente a todos os direitos da herança paterna. ³Com tal proposta concordou ele imediatamente e entusiasmado. E mal chegou à presença do bispo, não demorou um momento nem hesitou um segundo: ⁴sem esperar qualquer ordem, sem exigir qualquer explicação, começa a despir todas as roupas, inclusivamente as peças mais íntimas. No seu inebriamento espiritual, não sentiu qualquer vergonha da sua completa nudez diante da assistência – lembrado por certo daquele que por nós foi também nu pregado à cruz.

8. ¹Estava, enfim, liberto das cadeias das paixões terrenas; finalmente, sentia-se seguro e livre. De tão contente, até sentiu ganas de cantar... E lá foi, para o meio das florestas, entoar, em francês, loas ao Senhor. ²Interceptado por uns ladrões, não deixou de cantar nem teve medo: que medo havia de sentir quem ia seminu e sem nada, e, como os Apóstolos, *rejubilava na tribulação?*¹¹

³Ansiando por uma ocupação humilde, foi ter com leprosos para os servir. Ao submeter-se assim, como um criado, a pessoas tão infelizes e repugnantes, pretendia, mais do que ensinar, aprender a desprezar-se a si mesmo e ao mundo. ⁴E se até essa altura nenhuma outra doença lhe inspirava tanto horror, agora, em virtude da graça que lhe inundava a alma, punha-se à inteira disposição desses infelizes, lavava-lhes os pés, pensava-lhes as feridas, retirava a carne apodrecida, limpava o pus... ⁵No ardor da sua extrema dedicação, chegava mesmo a beijar-lhes as chagas ulcerosas, aplicando os lábios a essa carne desfeita, para se saciar de humilhação, para impor ao orgulho da carne a lei do espírito, e para dessa forma alcançar um completo autodomínio, depois de ter dominado esse inimigo que todo o ser humano traz dentro de si mesmo.

¹¹ Act 5, 41; 2Cor 1, 4; 2Cor 7, 4.

9. ¹ Já se encontrava, pois, bem alicerçado na humildade de Cristo, e já se tornara rico de pobreza. Começou então a pensar – embora não possuísse absolutamente nada – na reparação da igreja de S. Damião, conforme a ordem recebida do Crucifixo. ² Dedicou-se a essa tarefa com todo o ardor. Apesar de extenuado pelos je-
juns, carregava pedras às costas, e não se envergonhava de ir pedir subsídios e esmolas àqueles entre os quais anteriormente tinha vivido à grande. Alguns fiéis começavam já a descobrir nele um alto grau de virtude e a mostrar-lhe a sua dedicação. Com a sua ajuda conseguiu restaurar não apenas a igreja de S. Damião, mas ainda a de S. Pedro e a de Nossa Senhora, todas elas bastante danificadas e abandonadas.

³ Esse trabalho material simbolizava a obra espiritual que o Senhor mais tarde lhe havia de confiar. Agora eram três edifícios materiais renovados sob o impulso do Santo – depois seria a Igreja a ser renovada de três formas diferentes: pelo teor da vida, pela regra professada e pela doutrina de Cristo pregada por ele. ⁴ A voz do Crucifixo fizera-se ouvir três vezes a pedir-lhe que restaurasse a casa de Deus: era também um símbolo, que agora vemos realizado nas três Ordens por ele fundadas.

II – FUNDAÇÃO DA ORDEM E PREGAÇÃO

1. ¹ Uma vez concluída a restauração das três igrejas, passou a viver mais assiduamente junto da de Nossa Senhora. Pelos méritos daquela que deu ao mundo o Salvador, conseguiu ele descobrir o caminho da perfeição: por inspiração divina foi-lhe revelado o verdadeiro espírito do Evangelho.

² Aconteceu um dia ler-se à missa aquela passagem evangélica em que Cristo, ao enviar os Apóstolos a pregar, lhes ordenava que ³ *não possuíssem ouro nem prata, nem levassem dinheiro nem bolsa de viagem, nem usassem túnicas de reserva, nem calçado, nem sequer cajado para se apoiarem*¹². ⁴ Ao escutar atentamente estas palavras, foi tal a violência com que o Espírito de Cristo o sensibilizou, que mudou de vida por completo – tanto em ideias e

¹² Mt 10, 9-10.

sentimentos, como até no modo de proceder e de vestir: ⁵tira imediatamente as sandálias, deita fora o cajado, põe de parte o alforge e o dinheiro, passa a usar uma só túnica, substitui o cinto por uma simples corda... ⁶Põe o máximo empenho em transformar em realidade tudo o que acaba de ouvir, para em tudo se conformar com essas regras de perfeição dadas pelo Senhor aos Apóstolos.

2. ¹Totalmente devorado pelo fogo do Espírito de Cristo, ia-se tornando, como um novo Elias, o arauto zeloso da verdade. ²Começou então a orientar algumas outras pessoas para a santidade perfeita: começou também a convidar a todos à penitência. ³Quando falava, não era para dizer banalidades nem trivialidades: ⁴pelo contrário, as suas palavras, impregnadas da força do Espírito Santo, penetravam até ao fundo dos corações, enchendo de admiração todos os ouvintes e abalando até os espíritos mais obstinados.

⁴Assim, tanto pela simplicidade da doutrina como pela sinceridade das atitudes, ia-se tornando notado o seu teor de vida tão sublime e tão santo. ⁵Alguns, seguindo o seu exemplo, começaram a animar-se à penitência, e vieram a abandonar os bens e a unir-se a ele, vestindo o mesmo hábito e vivendo a mesma vida. ⁶O humilde Francisco resolveu que se chamassem «Frades Menores» – os Irmãos Menores.

3. ¹Não tardou a constituir-se um grupo de seis Irmãos que responderam ao chamamento divino. Francisco, seu dedicado pai e pastor, arranjou um sítio solitário para chorar amargamente os seus anos de juventude, que não tinham sido totalmente isentos de faltas. Pretendia assim pedir perdão e suplicar a graça do Senhor para si e para os filhos que gerara em Cristo. E sentiu-se possuído duma alegria imensa ao ser-lhe revelado que todos os seus pecados estavam completamente perdoados: a dívida fora paga *até ao último centavo*¹³. ²Então, arrebatado em êxtase e iluminado por uma luz vivificante, teve uma visão nítida do seu próprio futuro e do de seus irmãos. ³Foi ele mesmo que o confiou mais tarde ao peque-

¹³ Mt 5, 26.

nino rebanho, para o encorajar, anunciando-lhe o desenvolvimento e a expansão que, pela bondade do Senhor, a Ordem havia de experimentar.

⁴Poucos dias depois, novos candidatos vieram aumentar para doze o número de Irmãos. Nessa altura decidiu o servo de Deus ir apresentar-se à Sé Apostólica com essa equipa de homens simples: pretendia pedir ao Papa, ⁵com toda a humildade e com toda a confiança, que com a sua autoridade aprovasse a Regra de vida que o Senhor lhe revelara e ele redigira em poucas palavras.

4. ¹Ainda ia de viagem com os companheiros, na intenção de solicitar uma audiência ao Sumo Pontífice – que à data era o Senhor Inocêncio III – quando o próprio *Cristo, força e sabedoria de Deus*¹⁴, se lhe antecipou: em sua bondade, dignou-se numa visão recomendar ao seu Vigário que acolhesse gentilmente o pobrezinho e lhe concedesse benignamente o que ele lhe pedisse. ²Deu-se o caso de o Romano Pontífice ver em sonhos a Basilica de Latrão quase a desabar, enquanto um pobrezinho, de aspecto enfezado e miserável, lhe aplicava os ombros, impedindo-a assim de se desmoronar. ³Quando depois o Pontífice, dotado de uma notável perspicácia, pôde verificar no servo de Deus a limpidez da sua alma simples, o seu desprezo do mundo e desvelo pela pobreza, o empenho em alcançar a perfeição, o zelo pela salvação das almas, o fervor arrebatado e a ânsia de santidade, exclamou: «Aqui está o homem que pela acção e pela doutrina há-de contribuir para a estabilidade e solidez da Igreja de Cristo». ⁴Desde esse momento começou a dedicar-lhe uma afeição especial. Atendendo ao pedido formulado, aprovou-lhe a Regra e encarregou-o de pregar a penitência. ⁵Concedeu-lhe tudo quanto ele então lhe solicitava, e prometeu conceder-lhe no futuro ainda outras mercês.

5. ¹Estribado agora não só na graça de Alto, mas ainda na autoridade do Sumo Pontífice, Francisco dirigiu-se, cheio de confiança, ao Vale de Espoleto. Ia viver de facto, e comunicar aos outros pela pregação, a verdadeira perfeição evangélica, conforme a

¹⁴ 1Cor 4, 15.

idealizara e prometera realizar. ²No entanto, deparava-se-lhe um problema, a ele e aos Irmãos: deveriam conviver com os homens, ou antes retirarem-se do mundo para uma vida de solidão? Por meio de oração insistente, pediu ao Senhor que lhe indicasse o que mais lhe agradaria. Veio esclarecê-lo uma revelação do Céu, dando-lhe a entender que o Senhor o enviava, a fim de ele ganhar para Cristo as almas que o demônio tentava perder. ³Acabaram-se-lhe as dúvidas: iria dedicar-se aos outros mais do que a si. Escolheu para quartel-general um casebre abandonado ao pé de Assis. Aí passou a viver com os Irmãos uma vida toda pautada pelo fervor religioso e pelas normas da santa pobreza. Daí saía para pregar ao povo a palavra de Deus, consoante as circunstâncias de tempos e lugares lhe permitiam. ⁴Transformado assim em pregoeiro do Evangelho, percorria cidades e aldeias a anunciar o Reino de Deus. *Os seus sermões não seriam peças oratórias de eloquência humana, mas estavam impregnadas da força do Espírito Santo*¹⁵, até porque o Senhor lhe revelava previamente o que convinha dizer, e *confirmava depois com milagres o que ele tinha pregado*¹⁶.

6. ¹ Como aliás acontecia com frequência, passava ele uma vez a noite em vigília e oração, fisicamente afastado de seus filhos. Alguns deles já tinham adormecido, outros ainda se encontravam também a orar. Eis senão quando, um carro de fogo dum esplendor maravilhoso, encimado por um globo resplandecente semelhante ao disco do Sol, irrompe pelo postigo da barraca onde viviam, e uma vez lá dentro, por três vezes se desloca dum lado para o outro. ²Perante esse espectáculo tão estranho como deslumbrante, ficaram cheios de espanto os Irmãos que se encontravam despertos, e os que dormiam acordaram estremunhados. Não se tratava apenas duma claridade para os olhos corporais – era-o também para os corações. Perante a refulgência dessa luz maravilhosa, todas as consciências ficaram a descoberto, de modo que qualquer um podia ver o que se passava no coração do outro. ³E todos chegaram à mesma conclusão: o Senhor apresentava-lhes esta imagem simbó-

¹⁵ 1Cor 2, 13.

¹⁶ Mc 16, 20.

lica do pai São Francisco para lhes mostrar ser ele aquele que havia de vir *com o espírito e o poder de Elias*¹⁷: seria ele o comandante do exército espiritual, *o carro de Israel e o seu condutor*¹⁸.

⁴Ao voltar para junto dos Irmãos, começou o Santo a animá-los, baseando-se nessa visão celeste. ⁵E daí em diante começou também a ler os segredos dos corações e a prognosticar acontecimentos futuros. O milagre era tão patente, que já ninguém duvidava de que o espírito de Elias, mas duas vezes mais poderoso, se tinha apossado dele em plenitude – e por isso o mais seguro seria que todos seguissem a sua doutrina e imitassem a sua vida.

7. ¹Encontrava-se nessa altura internado num hospital ao pé de Assis um religioso da Ordem dos Crucíferos, chamado Morico. Padezia desde há muito duma doença extremamente grave, e já não lhe davam muito tempo de vida. Como último recurso, pediu que alguém fosse em seu nome ter com o homem de Deus, suplicando-lhe que intercedesse por ele junto do Senhor. A caridade do Santo não lhe permitia deixar de atender o pedido com todo o empenho. ²A primeira coisa que fez foi rezar por ele. Depois fez uma papa de miolo de pão amassado com azeite da lamparina que ardia no altar de Nossa Senhora. Por intermédio de alguns Irmãos mandou essas papas ao doente, recomendando: ³«Levai este medicamento ao nosso Irmão Morico. Graças ao poder de Cristo, ele não só o vai restabelecer por completo, mas vai transformá-lo num soldado valoroso que se virá a alistar nas nossas fileiras». ⁴De facto, mal o doente provou esse remédio, preparado segundo receita do Espírito Santo, sentiu-se logo são e levantou-se imediatamente. Recobrou, graças a Deus, o vigor do corpo e da alma. Não tardou a entrar na Ordem. Durante muito tempo usou um cilício de couro, e só comia alimentos crus, não provando nada cozinhado ao fogo, e também nunca mais bebeu vinho.

8. ¹Nesse mesmo tempo vivia em Assis um sacerdote chamado Silvestre. Era duma simplicidade de pomba e de comporta-

¹⁷ Lc 1, 17.

¹⁸ 2Rs 2,12.

mento irrepreensível. Viu ele em sonhos um dragão enorme a passear por toda aquela região. Perante essa aparição horrível e medonha, afigurava-se-lhe iminente qualquer catástrofe para o mundo inteiro. Mas logo de seguida apareceu, como saindo da boca de Francisco, uma luminosa cruz de ouro, tão grande que chegava ao céu e os seus braços estendiam-se até aos confins da Terra. ²A figura brilhante dessa cruz pôs logo em fuga o dragão sanguinário e horripilante. ³O sonho repetiu-se por três vezes, e o piedoso e santo sacerdote compreendeu a missão que o Senhor destinava a Francisco: sob o glorioso estandarte da cruz, ele esmagaria o poder do dragão maligno e iluminaria os corações dos fiéis, projectando neles, pelo teor da vida e da doutrina, a luz resplandecente da verdade. ⁴Ele próprio foi contar a Francisco e aos Irmãos, com todos os pormenores, essa sua visão. Pouco depois, abandonando o mundo, decidiu-se a seguir as pisadas de Cristo segundo o exemplo do Santo Pai. E fê-lo com tanto empenho, que a sua vida na Ordem foi a prova mais convincente da autenticidade da visão que tivera antes de se fazer frade.

9. ¹Outro Irmão, chamado Pacífico, quando ainda vivia no mundo, encontrou Francisco a pregar num mosteiro da povoação de S. Severino. Também ele foi tocado pela mão de Deus. Viu o Santo como que marcado por uma cruz feita de duas espadas resplandecentes: uma estendia-se da cabeça aos pés, a segunda, transversal, duma mão à outra, passando pelo peito. ²Não conhecia pessoalmente o Santo, mas ficou a conhecê-lo imediatamente, pois o Senhor lho apresentava com esse inaudito milagre. Maravilhado primeiro, e depois chocado e comovido com a veemência das suas palavras – como se tivesse sido atravessado pela espada do espírito que lhe saía da boca – veio também a alistar-se na família do Santo, depois de abdicar de todas as pompas mundanas. ³Progredindo sempre na via da santidade, chegou mais tarde a ser Ministro em França; foi exactamente o primeiro Provincial da França. Mas antes disso teve a dita de ver no rosto de Francisco um grande T de variadas cores, que lhe tornava o semblante maravilhoso. ⁴O curioso é que Francisco tinha efectivamente uma singular veneração por essa letra ou por esse símbolo, como sinal que era da cruz; ⁵muitas vezes falava dele e o recomendava e o traçava

sobre si mesmo antes de encetar qualquer acção, e desenhava-o com seu próprio punho nas cartas que escrevia, como se todo o seu empenho fosse, no dizer do Profeta, imprimir *um T* (Tau) *na testa de todos os que gemem e lamentam os seus pecados*¹⁹, ou seja, de todos os que sinceramente se convertem a Cristo.

III – VIRTUDES

1. ¹No intuito de imitar fielmente a Jesus crucificado, Francisco, desde os primórdios da conversão, *crucificava a carne com as suas más inclinações*²⁰, por meio duma disciplina tão rígida, e refreava os impulsos sensuais com uma temperança e mortificação tão rigorosa, que quase nem concedia à natureza o indispensável para a sustentação. ²Quando gozava de saúde, raramente e só com relutância se servia de alimentos cozinhados, e com frequência lhes misturava cinza para os tornar menos apetitosos, ou os temperava com água para lhes tirar o sabor. ³A respeito de bebidas, não era menos sóbrio: *de vinho abstinha-se por completo, para que o espírito pudesse ser guindado à luz da sabedoria*²¹; e mesmo quando atormentado pela sede, só bebia a água indispensável para se dessedentar. ⁴A fim de repousar um pouco o corpo cansado, a cama era as mais das vezes a terra nua; almofada, uma pedra ou um toro de madeira; cobertor, a própria túnica de pano grosseiro e áspero. A experiência ensinara-lhe que os inimigos da alma não conseguem nada contra os que são duros e austeros – e, pelo contrário, são mais encorajados a tentar as pessoas amimadas.

2. ¹Austero consigo mesmo, estava sempre vigilante. Dedicava, contudo, um cuidado especial a guardar aquele *tesouro* de valor incalculável, mas *colocado num frágil recipiente de barro*²²: a castidade. Empenhava-se em conservá-la com todo o esmero devido a uma virtude tão santa, por uma pureza absoluta de alma e de corpo.

¹⁹ Ez 9, 4.

²⁰ Gl 5, 24.

²¹ Ecl 2, 3.

²² 2Cor 4, 7.

²Nos primeiros tempos da conversão, a coragem e o fervor de espírito levaram-no a atirar-se, em pleno Inverno, a uma cova cheia de água gelada ou de neve, a fim de dominar por completo o inimigo que todo o ser humano traz dentro de si, e de não deixar incendiar pelo fogo das paixões a veste branca da inocência.

³Por meio de práticas como esta, todo ele, em todos os seus sentidos, começou como que a irradiar pureza. Dava a impressão de ter já um domínio pleno sobre a carne. *Como se tivesse feito um contrato com os próprios olhos* ²³, não só fugia de qualquer espectáculo de sabor carnal, mas nem sequer olhava para nada que se apresentasse com características de curiosidade ou futilidade.

3. ¹Embora já tivesse alcançado a pureza de alma e de corpo, mesmo quando já se encontrava perto do cume da santidade, não deixava, apesar disso, de purificar mais e mais os olhos da alma com rios de lágrimas, pouco se incomodando de com isso prejudicar a vista corporal: o seu grande anelo era poder contemplar a pura claridade do Céu.

²Efectivamente, devido ao facto de tanto chorar, veio a contrair uma grave doença dos olhos. O médico recomendou-lhe que não chorasse, sob pena de poder vir a ficar completamente cego. Mas não conseguiu demovê-lo. ³«Era preferível – dizia ele – perder a luz dos olhos do que o dom das lágrimas. São elas que purificam os olhos interiores com que se pode ver a Deus. Se as contemos, lá se vai toda a devoção».

⁴Contudo, no meio dessa inundação de lágrimas, o santo conservava, tanto no coração como no rosto, uma serenidade e até um não sei quê de felicidade toda celeste. A limpidez de consciência permitia-lhe de facto deixar-se invadir duma alegria que o levava constantemente *a rejubilar em Deus*²⁴ e *a exultar com todas as obras das mãos do Senhor*²⁵.

²³ Jb 31, 1.

²⁴ 2Cor 5, 13.

²⁵ Dt 14, 29; Sl 91, 5.

4. ¹A virtude, porém, que nele mais sobressaía, era a humildade – a sentinela e rainha de todas as virtudes. Não é que nas demais ele não fosse eminente: mas como se considerava o mínimo entre os Menores, a humildade como que tomara posse dele por completo.

²No seu entender, não passava dum vaso de barro, sujo e desprezível – quando na verdade era um vaso escolhido de santidade, ricamente adornado de graças e virtudes, e todo dedicado ao Senhor. ³Mas parecia ter gosto em se rebaixar aos próprios olhos e aos olhos dos outros: e nesse intuito declarava em público os defeitos mais íntimos, enquanto escondia no coração os dons do Espírito Santo, a fim de não expor à vanglória nada que pudesse ser ocasião de ruína.

⁴Para levar até às últimas conseqüências a mais profunda humildade, empenhava-se em obedecer não apenas aos superiores, mas até mesmo aos inferiores. Quando em viagem algum Irmão o acompanhava, costumava prometer-lhe obediência, por mais humilde que ele fosse. Repugnava-lhe armar em autoridade e dar ordens como um tiranete; muito mais do seu agrado era servir e ajudar os Irmãos e obedecer-lhes humildemente.

5. ¹Uma companheira inseparável da santa humildade é a pobreza altíssima. Perfeito imitador de Cristo, Francisco considerava-a como esposa, dedicando-lhe um amor eterno. Por amor dela abandonou o pai e a mãe e distribuiu o que lhe pertencia. ²Não havia ninguém tão ganancioso por ouro como ele o era pela pobreza. Ninguém aferrolhava com mais cuidado um tesouro do que ele essa jóia de que fala o Evangelho.

³Desde o princípio da vida religiosa até à morte, as únicas coisas que possuía eram uma túnica com a respectiva corda, e uns calções interiores. Parecia que só na pobreza e na penúria se sentia alegre e satisfeito. ⁴Se porventura acontecia encontrar alguém que exteriormente parecesse mais pobre do que ele, a si próprio se censurava, para se excitar a imitá-lo. Nesse assunto de pobreza não podia ficar atrás de ninguém: era como ser vencido no mais nobre do seu espírito.

⁵Sendo a pobreza o penhor da herança eterna, nutria por ela mais afecto do que por todos os bens terrenos – essas riquezas,

caducas e enganadoras, que não passam dum benefício efêmero e sem valor algum. Amava mais a pobreza do que uma imensa fortuna, e nisso não se deixava suplantar por ninguém. Fora ela que lhe ensinara a considerar-se inferior a todos os outros.

6. ¹ O seu amor à pobreza altíssima permitiu-lhe ir amealhando um tesouro de santa simplicidade. Não possuindo neste mundo nada de próprio, era como se fosse o dono de tudo – pelos estreitos laços que o uniam ao autor de todos os bens.

² Tudo via com um olhar de pomba, quer dizer, com intenção recta e simples. E nessa pureza de intenções relacionava tudo com o Supremo Artífice: em tudo descobria o Criador, em todos os seres O amava e louvava. ³ Foi assim que, por graça e bondade do Céu, ele veio a possuir tudo em Deus e Deus em tudo.

⁴ À custa de tanto congeminar na primeira origem de todas as coisas, veio naturalmente a aplicar o nome de «irmão» e «irmã» a toda a criatura, por mais insignificante que fosse: de facto, tanto elas como ele provinham da mesma origem. Mas nutria uma ternura e predilecção especial para com aqueles seres que, ou por natureza ou por simbolismo da Escritura, recordavam o amor e a doçura de Cristo. ⁵ Daí que, por efeito do poder de Deus, os próprios animais irracionais se sentissem atraídos por ele, e até os seres inanimados lhe obedecessem quando lhes mandava qualquer coisa – como se *a simplicidade e a rectidão* do Santo o tivessem recolocado no estado de *inocência* ²⁶.

7. ¹ A ternura e a doçura do servo de Deus eram como um caudal nele derramado pela fonte de toda a bondade. Para aliviar as desgraças dos infelizes, parecia dotado de entranhas de mãe: a caridade de Cristo, abundantemente derramada na sua alma, multiplicava-lhe a bondade inata. ² O coração derretia-se-lhe de piedade para com os doentes e os pobres; e quando não podia socorrê-los materialmente, não deixava, pelo menos, de lhes testemunhar o seu carinho, ³ recomendando a Cristo, com toda a piedade e doçura do seu coração, as necessidades e misérias que descobrisse em al-

²⁶ Jb 2, 3.

guém. ⁴ Como em todos os pobres via uma figuração de Cristo, não só lhes dava generosamente as esmolas recebidas – até mesmo as necessárias para a sua própria subsistência – mas ainda chamava a esse gesto uma restituição, como se os pobres fossem os seus legítimos donos. ⁵ Quando era preciso dar esmola, não poupava nada: nem mantos, nem túnicas, nem livros, nem sequer alfaias do altar. E para levar ao fim o cumprimento da lei do amor, até a si mesmo se dava aos outros.

8. ¹ O zelo pela salvação dos irmãos dimanava daquele que é a «fornalha da caridade», e é penetrante como espada flamejante e afiada. Essa espada trespassou o coração de Francisco, a ponto de ele parecer devorado de zelo pelas almas, inflamado de ardor pela sua conquista, mas também ferido de tristeza e de pena. ² Com efeito, quando via almas resgatadas pelo sangue precioso de Cristo a deixarem-se conspurcar pela sordidez do pecado, sentia uma dor quase física, como se recebesse um golpe, e chorava essa desgraça com imensa ternura e compaixão, como uma mãe que todos os dias desse à luz em Cristo. ³ Daí o seu fervor na oração, a azáfama na pregação, um certo exagero até quando se tratava de dar bom exemplo: é que não poderia considerar-se amigo de Cristo se não cuidasse das almas por ele resgatadas.

⁴ Isso mesmo explica a razão de ele mortificar e castigar o corpo – embora não precisasse de o castigar por nenhum pecado, pois já o mantinha sem dificuldade sujeito ao espírito, como no estado de inocência – era para dar exemplo: por amor dos outros seguia esses caminhos duros, a fim de imitar perfeitamente aquele que para salvação de todos *se entregou à morte* ²⁷.

9. ¹ O testemunho mais convincente do amor supremo que arrebata até Deus este amigo do Esposo, era sem dúvida o desejo do martírio. O maior anelo do coração de Francisco era oferecer-se ao Senhor como hóstia viva ²⁸.

²⁷ Is 53,12.

²⁸ Ro 12, 1.

²Por três vezes tentou ir para territórios de infieis; por duas vezes a Providência divina se opôs. Só à terceira tentativa, depois de experimentar toda a espécie de vexames, depois de ser preso e espancado e passar dificuldades sem conta, conseguiu, guiado pelo Senhor, ser levado à presença do Sultão de Babilónia e anunciar-lhe o Evangelho de Cristo com tal persuasão que o deixou maravilhado.

³Permitiu Deus que o Sultão acalmasse a sua ira e o escutasse complacientemente. E ao verificar em Francisco um tal entusiasmo, uma tal coragem, um tal desprezo da vida, uma eloquência verdadeiramente divina, o Sultão desfez-se em atenções para com ele: passou a tratá-lo com toda a consideração, e oferecendo-lhe valiosos presentes, convidou-o a ficar mais tempo em sua companhia.

⁴Mas o Santo, no seu sincero desprezo do mundo e de si mesmo, rejeitou como lixo tudo quanto lhe oferecia. E vendo que não conseguia levar por diante o seu intento – apesar de ter empregado com toda a sinceridade os maiores esforços nesse sentido – voltou para terras cristãs, por inspiração divina.

⁵Foi assim que o amigo de Cristo procurou com todo o empenho morrer por Ele, sem o conseguir. Não ficou, portanto, privado do martírio de desejo; e mais tarde, por singular privilégio, iria mesmo receber o selo e o símbolo do martírio.

IV – EMPENHO NA ORAÇÃO E DOM DA PROFECIA

1. ¹Não podia o servo de Cristo deixar de sentir que a sua vida corporal era como o caminhar dum peregrino, longe do Senhor. De tanto concentrar em Cristo o seu amor, tornara-se insensível às paixões terrenas. Não podia, porém, prescindir do conforto do seu Bem-amado – e por isso se empenhava em manter ao menos o espírito em presença do Senhor, por meio duma oração constante.

²Quer andasse de viagem quer estivesse parado, tanto dentro como fora de casa, a trabalhar ou a descansar, sempre se entregava à oração com toda a força da sua alma. ³Todas as faculdades do corpo e do espírito, todas as actividades e todo o tempo, tudo dedicava à oração.

⁴ Com muita frequência era arrebatado em êxtase; então, fora de si, sentia coisas que ultrapassavam as faculdades humanas e perdia a consciência do que se passava à sua volta.

2. ¹ Com o fim de receber mais calmamente as visitas do Espírito e as suas consolações, ia para sítios ermos ou igrejas abandonadas, e lá passava a noite em oração. ² No entanto, mesmo aí, era às vezes assaltado pelos demónios, que, lutando com ele, por assim dizer, corpo a corpo, tentavam distraí-lo da oração. Só à custa de preces incessantes e fervorosas eles se punham em fuga.

³ Então o servo de Deus, de novo sozinho e em paz, interrompia com seus gemidos o silêncio dos bosques, inundava o chão com um rio de lágrimas, batia no peito; ⁴ e como quem fala no mais absoluto segredo, ora respondia ao Juiz, ora suplicava ao Pai, ora se divertia com o Esposo, ora se entretinha com o Amigo.

⁵ Várias vezes foi assim surpreendido a orar de noite: os braços abertos em cruz, elevado do chão e cercado por um halo brilhante. Essa claridade radiante e essa levitação do corpo são bem a prova da luz admirável que lhe inundava a alma e das alturas onde lhe pairava o espírito.

3. ¹ O poder sobrenatural de tais êxtases permitia-lhe penetrar *os segredos ocultos da Sabedoria divina* ²⁹. Temos disso indícios certos, embora ele procurasse ocultar exteriormente essas revelações, fazendo delas uso apenas quando o exigia o bem dos Irmãos ou era a isso intimado por uma ordem emanada do Céu.

² Por uma aplicação constante à oração, acompanhada pela prática das virtudes, conseguiu o Santo uma tal acuidade de espírito, que apesar de nunca ter feito estudos especiais da Sagrada Bíblia, interpretava as Santas Escrituras³⁰ com uma perspicácia assombrosa, iluminado apenas pelos fulgores da luz eterna.

³ Também sobre ele *repousou* o multiforme *espírito* dos Profetas, manifestado nos mais diversos prodígios: umas vezes fazia sentir a sua presença à distância: outras vezes conseguia saber o

²⁹ Sl 50, 8.

³⁰ Jb 28, 11.

que se passava longe da sua presença; ora desvendava os segredos dos corações; ora prognosticava acontecimentos futuros. ⁴ De tudo isto temos exemplos abundantes e indesmentíveis. Vamos apontar apenas alguns.

4. ¹ Um dia, no Capítulo Provincial de Arles, estava Santo António a fazer uma prática aos confrades. Nessa altura ainda Frei António não passava dum célebre pregador: agora já é Santo canonizado. A prática tinha por tema «*Jesus Nazareno, Rei dos Judeus*» ³¹. Francisco encontrava-se nessa altura muito longe. ² No entanto, foi visto ali, à porta da sala, elevado nos ares, com os braços estendidos em forma de cruz, a abençoar os Irmãos. Essa aparição, naturalmente, encheu-os de indizível alegria. Não restava dúvida que uma visão tão admirável só poderia ser obra do Céu: era convicção unânime de todos quantos a presenciaram. ³ Por outro lado, o milagre deu-se com o conhecimento do Santo Pai. Isso prova, portanto, como o seu espírito estava inundado da luz da Sabedoria eterna, *Sabedoria que é mais rápida que qualquer movimento corpóreo, e penetra em tudo precisamente por ser imaterial; Sabedoria que se derrama nos Santos e faz deles amigos de Deus e Profetas* ³².

5. ¹ Outro caso passou-se em Santa Maria da Porciúncula. Entravam os irmãos para a sala do capítulo, quando um deles, valendo-se de qualquer pretexto, tentou subtrair-se à disciplina. Nesse exacto momento encontrava-se o Santo a orar na cela, como intercessor e mediador entre Deus e os Irmãos. Mandou então chamar um deles e disse-lhe: ² «Meu Irmão, eu acabo de ver o demónio às cavaleiras de tal confrade, a dominá-lo por completo: subjugado por um cavaleiro desses, não é de estranhar que ele se insurja contra o freio da obediência e ande à rédea solta dos seus instintos. ³ Vai dizer-lhe que se submeta imediatamente ao jugo da disciplina. Quem isto lhe pede, esteve a rezar por ele, e à custa de tanto orar, conseguiu afugentar o demónio».

³¹ Jo 19, 19.

³² Sb 7, 24-27.

⁴ Avisado por esse intermediário, o Irmão reconheceu o seu erro e arrependeu-se do seu desvario. Veio *lançar-se aos pés* ³³ do Vigário do Santo, declarou a sua culpa, pediu dela perdão, e aceitou e cumpriu a penitência imposta. E daí em diante foi sempre humilde e obediente.

6. ¹ Outro episódio, este ocorrido em Monte Alverne. Encontrava-se Francisco isolado na cela, quando um dos Irmãos ³⁴ começou a alimentar o desejo de ter algumas palavras do Senhor escritas pelo próprio punho do Santo. ² Dava-se o caso de esse Irmão se sentir acossado por uma tentação, não da carne, mas do espírito; e imaginava que por tal meio poderia vir a ser liberto dela, ou ao menos um tanto aliviado. ³ Mas andava acabrunhado e triste, porque, sendo, como era, humilde, tímido, simples e acanhado, não se atrevia a abrir-se com o Santo Pai, pelo respeito que lhe consagrava. ⁴ Também não foi preciso nenhum homem dizer-lho; disse-lho o Espírito. ⁵ O Santo mandou chamar o tal Irmão, e pediu-lhe para ele lhe trazer um pergaminho e tinta. Escreveu por sua própria mão alguns louvores ao Senhor – tal qual o Irmão suspirava – finalizando o escrito com uma bênção. No fim, ofereceu-lho como presente.

⁶ Nunca mais o apoquentou a tal tentação. E mais ainda: esse documento, conservado com todo o carinho, veio de futuro a restituir a saúde a muita gente.

A ninguém, portanto, seria lícito duvidar dos méritos, diante de Deus, do seu amanuense, já que o próprio Deus conferia tal poder a um simples documento que ele redigira.

7. ¹ Certa senhora, nobre e piedosa, veio um dia ter com o Santo a pedir-lhe que intercedesse junto de Deus pelo seu marido, a ver se um golpe de graça divina conseguiria amolecer um pouco aquele coração... Ele chegava a ser cruel para com ela, a ponto de a impedir até de servir a Cristo. ² Francisco ouviu o seu depoimento, e com palavras repassadas de piedade procurou confirmá-la

³³ Mt, 26, 39.

³⁴ Fr. Leão

nos seus bons propósitos. Quanto ao relacionamento com o marido, garantiu-lhe que para sua consolação não tardaria a ver satisfeitos os seus anseios. ³Recomendou-lhe que lhe transmitisse este aviso, da parte de Deus e da dele: «Agora é tempo de clemência; mas depois virá o tempo da justiça».

⁴Cheia de confiança nas palavras do Servo de Deus, e reconfortada com a sua bênção, a senhora deu-se pressa em regressar a casa. O marido já vinha ao seu encontro. Ela transmitiu-lhe logo a mensagem, na esperança de ver cumprida a tão desejada promessa. ⁵E o certo é que, mal ela acabara de proferir as palavras ensaiadas, o Espírito do Senhor e a sua graça apoderaram-se dele e transformaram-lhe o coração empedernido. Daí em diante não só permitiu à piedosa esposa que servisse a Deus com toda a liberdade, como até ele se ofereceu para o servir juntamente com ela. ⁶Assim, por sugestão dessa santa esposa, viveram vários anos em castidade perfeita, até que ambos, exactamente no mesmo dia, foram juntar-se ao Senhor: ela pela manhã, *como sacrificio matutino*, e ele de tarde, *como sacrificio vespertino* ³⁵.

8. ¹ Encontrando-se uma ocasião o servo de Deus em Rieti, doente e de cama, trouxeram-lhe, também de cama, e afectado de grave doença, certo cónego chamado Gedeão. Era uma pessoa sensual e mundana. Mas pedia-lhe, com as lágrimas nos olhos, que traçasse sobre ele o sinal da cruz. E todos os presentes secundaram o mesmo pedido. ² Disse-lhe então o Santo: «Tendo em atenção as súplicas piedosas das pessoas aqui presentes, vou abençoar-te com o sinal da cruz, muito embora o não merecesses, pois tens vivido sem temer a Deus, ao sabor dos teus desejos carnavais. Mas garantote que se ficares curado e voltares à mesma vida escandalosa, as consequências serão bem piores».

³ Dito isto, desenhou sobre ele um grande sinal da cruz, desde a cabeça até aos pés. Todos os circunstantes puderam nesse momento ouvir as vértebras do doente a darem uns estalidos semelhantes aos que se produzem quando se parte lenha seca. O doente, que até ali se encontrava todo corcovado, conseguiu logo endirei-

³⁵ Nm 28, 8. 23; Sl 140,2.

tar-se e pôr-se a pé, desatando a louvar a Deus: «Estou são!» – dizia ele, todo contente.

⁴ Porém, não tardou muito a voltar a esquecer-se de Deus e a entregar o corpo novamente à imoralidade.

Aconteceu que uma tarde foi jantar a casa de um outro cônego e aí se dispunha a passar a noite, quando o tecto da casa desabou. Todos, no entanto, conseguiram escapar – excepto ele, que veio a falecer.

⁵ Este episódio mostra duas coisas: uma é a severidade da justiça divina para com os ingratos; outra é a autenticidade do *espírito de profecia* ³⁶ de que Francisco era adornado – um futuro apenas previsível, para ele era já coisa certa e verdadeira.

9. ¹ Por essa mesma altura, pouco depois do seu regresso do ultramar, dirigiu-se para Celano em pregação. Certo militar convidou-o insistentemente a que fosse comer com ele; e apesar de Francisco se mostrar relutante, ele quase o obrigou a ir. ² Antes de se sentar à mesa, o Santo, como era seu costume, começou por rezar e louvar a Deus. E enquanto assim se mantinha de pé, de olhos no céu e com a alma absorta em Deus, viu em espírito que o seu bondoso anfitrião iria morrer em breve. ³ Terminada a oração, chamou-o à parte, e confidenciou-lhe que a morte não vinha longe; exortou-o a que se confessasse, e animou-o, tanto quanto pôde, a praticar o bem.

⁴ Ele tomou a peito as recomendações do Santo: sem esperar nem mais um minuto, perante o companheiro do Santo fez uma confissão geral, pôs em ordem todos os seus negócios, encomendou-se à misericórdia divina e preparou-se o melhor possível para a morte. ⁵ Ainda os outros comensais se não tinham levantado da mesa, quando o militar, apesar da sua aparência forte e saudável, falecia repentinamente, como Francisco lhe predissera. Mas graças ao espírito de profecia do Santo, tivera a possibilidade de se munir das armas da penitência, e assim evitar a condenação eterna. Com

³⁶ Ap 19, 10.

certeza, conforme a promessa do Evangelho, foi logo recebido nos *tabernáculos eternos*³⁷.

V – A OBEDIÊNCIA DAS CRIATURAS E AS DELICADEZAS DE DEUS

1. ¹ Graças ao *Espírito do Senhor* que em Francisco *se derramara como óleo de unção*³⁸, e graças ao próprio *Cristo, força e sabedoria de Deus*³⁹, que lhe comunicara o seu poder, não só muitos mistérios e segredos divinos se lhe tornavam patentes, como também as criaturas e os elementos se lhe tornavam obedientes.

² Assim, por exemplo, foi uma vez aconselhado pelos médicos e instantemente pressionado pelos Irmãos a submeter-se a uma cauterização, para remediar uma doença da vista. Humilde como era, concordou. De resto, essa operação constituiria não apenas uma possível cura da enfermidade, como sobretudo uma oportunidade de praticar um acto de coragem. ³ Ao ver ao rubro o instrumento cauterizante de ferro, sentiu, naturalmente, um arrepio de susto. Mas logo se dirigiu ao fogo como quem fala a um irmão, recomendando-lhe que mitigasse nele o seu ardor, a fim de poder suportar o calor das suas carícias. ⁴ O ferro crepitante pôde então penetrar-lhe na carne delicada, numa cauterização que se estendeu desde as orelhas às sobancelhas... No fim da operação, transbordante de alegria e cheio do Espírito de Deus, ele mesmo acalmou os Irmãos: «Dai graças ao Senhor, porque, para falar verdade, não senti o fogo a queimar-me, nem qualquer dor me afligiu».

2. ¹ Encontrando-se gravemente doente no ermitério de Santo Urbano, sentiu desfalecerem-lhe as forças e pediu um copo de vinho. Disseram-lhe que não havia sequer uma gota. Mandou então vir água. Quando lha trouxeram, benzeu-a com o sinal da cruz. ² E no mesmo instante se transformou num excelente vinho aquilo

³⁷ Lc 16, 9.

³⁸ Lc 4, 18.

³⁹ Cf. 1Cor 1, 24; Sl 50, 8.

que não passava de simples água. O que a pobreza do ermitério tornava impossível, alcançou-o a pureza do Santo. ³E mal o provou, imediatamente se começou a sentir melhor: prova manifesta de que a desejada bebida lhe foi outorgada pelo generoso autor de todos os dons, não tanto para lhe satisfazer o apetite, como para lhe restituir a saúde.

3. ¹Outra vez quis-se retirar para um ermitério, a fim de mais livremente se entregar à contemplação. E como se sentia muito debilitado, resolveu montar um jumentito emprestado para o efeito. ²O dono do jumento seguia também, montanha acima. Mas, dada a extensão da viagem, a aspereza do caminho e o calor escaldante, o bom do homem não tardou a sentir-se extenuado e cheio de sede. Começou então a gritar: «Ai, que eu morro! Se não arranjo qualquer coisa para beber, morro à sede».

³O Santo desceu imediatamente da montada, pôs-se de joelhos, ergueu as mãos ao Céu, e não cessou de orar enquanto não pressentiu que fora atendido. ⁴Então foi ter com o homenzinho e disse-lhe: «Corre àquele penedo, e lá encontrarás uma nascente de água. Foi a bondade de Cristo que a fez jorrar agora mesmo para poderes matar a sede».

⁵Ele lá foi, a correr, ao sítio que Francisco lhe indicou, e pôde assim saciar-se com essa água que brotara da rocha à custa da oração do Santo: da dureza dum penhasco fizera Deus jorrar água para o refrescar.

4. ¹Uma ocasião que o servo do Senhor pregava em Gaeta, ao pé do mar, a multidão, no intuito piedoso de lhe tocar, quase o ia sufocando. Para se esquivar a essas manifestações de entusiasmo, saltou para um barquito que ali se encontrava amarrado. ²E perante o pasmo e assombro de todos, o barco, sem ninguém dar aos remos, foi-se afastando da costa até bastante longe, como impellido por algum motor que tivesse lá dentro... ³Às tantas parou e ficou imóvel sobre as ondas, enquanto o Santo pregava à multidão aglomerada na praia. ⁴No fim do sermão, a multidão, que presenciara o milagre, recebeu a bênção do Santo, e a seu pedido começou a dispersar. Depois, o barco começou novamente a deslizar para a praia, sem outra força a movê-lo senão a força do Céu. *As*

criaturas não podem deixar de obedecer a quem as criou ⁴⁰; e também se submetem docilmente e obedecem prontamente aos que são verdadeiros amigos de Criador.

5. ¹Durante uma temporada que o Santo passou no ermitério de Greccio os habitantes desse lugar foram vítimas de sucessivas calamidades: saraivadas que todos os anos destruíam searas e vinhas; alcateias de lobos ferozes a dizimarem rebanhos e até mesmo a vitimarem pessoas. ²O servo do Senhor todo-poderoso não podia deixar de se compadecer da aflição dessa gente.

Convidando-os para uma pregação, prometeu-lhes pública e solenemente – e a si mesmo se fez fiador da promessa – que os flagelos acabariam, se eles se confessassem e fizessem penitência condigna.

³Conforme a exortação do Santo, todos fizeram penitência. E desde esse instante nunca mais ocorreu qualquer calamidade nem houve qualquer perigo: nem lobos nem saraivadas provocaram mais desgraças. Mais ainda: por vezes caía granizo ali pelas redondezas; mas ao chegar aos campos dessa gente, a saraiva ou parava ou mudava de rumo.

6. ¹Outra ocasião, numa viagem apostólica pelo vale de Espoleto, ao aproximar-se de Bevanha, chegou a um sítio onde havia enormes bandos de aves de várias espécies. Um belo espectáculo natural, que nele despertou o olhar sobrenatural. ²Impelido pelo espírito do Senhor que nele irrompia, correu para lá, saudou-as efusivamente, e pediu-lhes silêncio para poderem escutar com atenção a palavra de Deus. ³Disse-lhes muitas coisas sobre os benefícios que Deus prodigaliza a todas as criaturas e dos louvores que elas devem dar-lhe a Ele, mesmo sendo aves pequeninas. O discurso do Santo provocava nas avezinhas curiosas manifestações: estendiam o pescoço, abriam as asas, escancaravam o bico, fixavam nele os olhitos atentos, como para melhor penetrarem o poder admirável das suas palavras.

⁴⁰ Sb 16,24

⁴Tinha razão, *esse homem cheio de Deus* ⁴¹, em se sentir tão afectuoso e humano para com as criaturas irracionais, dado que também elas, por sua vez, se sentiam atraídas por ele, a ponto de lhe prestarem atenção quando as instruía, e lhe obedecerem quando ele mandava, e se virem refugiar em seus braços com toda a confiança, e ficarem sem dificuldade junto dele quando o desejasse.

7. ¹Quando ele tentava uma travessia para conquistar em terras ultramarinas a palma do martírio – sem no entanto o conseguir, por causa das tormentas – veio em seu auxílio a gentileza providente do Piloto universal, para o livrar de perigos de morte, a ele e a toda a tripulação, e para manifestar também no mar alto as suas maravilhas em favor de Francisco.

²Pretendendo regressar da Eslavónia para a Itália, embarcou num navio sem se munir absolutamente de nada para a viagem. Mas aconteceu que exactamente no momento em que ele embarcava, o próprio Deus enviou um desconhecido qualquer em seu socorro. Foi o que valeu ao pobrezinho de Cristo. Esse desconhecido trouxe os mantimentos necessários, chamou um marinheiro de profundos sentimentos religiosos e entregou-lhe a oferta, com o encargo de distribuir essas vitualhas quando delas viesse a necessitar alguém que não levasse nada...

³Não muito depois de terem levantado ferro, sobreveio um temporal tão violento, que durante vários dias não foi possível fundear em parte nenhuma. As provisões esgotaram-se. Restava apenas a magra ração que o Céu oferecera de esmola ao Santo. ⁴Mas, graças à sua oração e aos seus méritos, o poder de Deus multiplicou de tal modo esses víveres, que chegaram e sobraram para as necessidades de todos, ainda durante muitos dias, até desembarcarem em Ancona, o porto desejado.

8. ¹Doutra vez andava ele a pregar com um Irmão entre a Lombardia e a Marca de Treviso, quando a noite os surpreendeu nas margens do rio Pó. Era extremamente perigoso prosseguir

⁴¹ Gn 41, 38.

viagem, pois a escuridão não deixava ver o rio nem os pântanos que o ladeavam. ²O companheiro insistia com ele a que numa situação tão séria, se implorasse o auxílio do Céu. Com a sua imensa calma e confiança, o homem de Deus respondeu: ³«Se assim aprouver à bondade do Senhor, não lhe falta poder para dissipar estas trevas e nos conceder o benefício da sua luz».

⁴Maravilha das maravilhas! Mal ele acabara de proferir estas palavras, viram-se rodeados por um esplendor todo celeste: no meio duma escuridão que não deixava lobrigar absolutamente nada, eles viam com toda a nitidez não só a trilha por onde avançavam, mas ainda num vasto raio em redor, até à outra margem do rio.

9. ¹Assim, a irradiação da claridade celeste ia-lhes abrindo caminho através da escuridão da noite – como para mostrar que quem segue, sem mudar de rumo, a luz da vida, não poderá ser envolvido *pelas trevas da morte* ⁴². ²O esplendor admirável dessa luz guiou-lhes os passos e reconfortou-lhes a alma, num efeito ao mesmo tempo corporal e espiritual.

Após uma caminhada nada pequena, Francisco e o companheiro, cantando hinos de louvor a Deus, chegaram a um sítio onde puderam pernoitar.

³Uma personalidade verdadeiramente pasmosa e assombrosa, a desse homem! Em consideração para com ele, o fogo mitiga a sua ardência, a água muda de sabor, um penhasco fornece água em profusão. Os seres inanimados põem-se ao seu serviço, os animais ferozes tornam-se mansos, as criaturas irracionais escutam-no com atenção. ⁴O próprio Senhor e dono de todas as coisas condescende benevolamente com os seus desejos, preparando-lhe um abundante farnel e fornecendo-lhe luz para o guiar no caminho...

Se todas as criaturas assim se lhe sujeitavam e o próprio Criador assim o amimava, é porque de facto ele já atingira o ápice da santidade.

⁴² Jb 10, 21.

VI – AS SAGRADAS CHAGAS

1. ¹Francisco era de facto o servo fiel de Cristo. Dois anos antes da morte, dava ele início a um jejum de quarenta dias em honra de S. Miguel, num monte alto e solitário chamado Alverne. Mais do que doutras vezes, sentia-se inundado pela doçura da contemplação celeste, e começou a experimentar mais abundantemente a profusão das graças divinas. ²Em labaredas de amor mais próprias dum Serafim, era arrebatado até Deus. Ou então, na ânsia de compartilhar dos seus sofrimentos, como que se transformava naquele que no seu amor extremo quis ser crucificado.

³Um bela manhã, por altura da festa da Exaltação da Santa Cruz, encontrava-se ele em oração num lugar abrigado do monte, quando viu descer do alto do Céu uma figura semelhante a um Serafim, com seis asas brilhantes como de fogo. ⁴Num voo rápido, essa figura aproximou-se do sítio onde o Santo se encontrava. Pôde então observar melhor: não se tratava apenas de uma figura alada; era, além disso, uma figura crucificada: apresentava as mãos e os pés estendidos e presos a uma cruz. Quanto às asas, um par delas elevava-se-lhe acima da cabeça, outro par servia para o voo, e as duas restantes envolviam e ocultavam-lhe todo o corpo.

2. ¹Francisco ficou estupefacto com a aparição. Baralhavam-se-lhe na alma a tristeza e a alegria incontida pela graça da presença de Cristo a aparecer-lhe duma maneira tão admirável e tão íntima – mas ao mesmo tempo uma tristeza indizível, porque o facto de o ver preso a uma cruz trespassava-lhe a alma com uma espada de dor e de compaixão.

²Mas quem lhe aparecia assim exteriormente, pretendia também iluminá-lo interiormente. E Francisco compreendeu. Ele sabia muito bem que um Serafim, sendo um espírito imortal, não podia de modo algum experimentar qualquer dor nem sofrimento: ³essa visão fora-lhe assim apresentada para lhe dar a entender que não seria o martírio do corpo, mas sim o incêndio do espírito que o havia de transformar à semelhança de Jesus Cristo crucificado.

⁴Depois duma conversa íntima e familiar, a visão desapareceu. Mas tinha-lhe inflamado o coração de ardor seráfico, e imprimido

na carne uma imagem do Crucificado – como a marca dum sinete em lacre previamente amolecido ao calor do fogo.

3. ¹Com efeito, desde esse instante começaram a aparecer-lhe nas mãos e nos pés uns como pregos, com a cabeça a ver-se nas palmas das mãos e na parte superior dos pés, e com as pontas a saírem do lado oposto. ²As cabeças desses pregos eram redondas e escuras; as pontas, bastante salientes, como que rebatidas e recurvadas, sobressaíam do resto da carne, embora tivessem origem na mesma carne. ³Por debaixo dos pés, a ponta recurvada dos pregos era de tal modo saliente, que o impedia de apoiar no solo a planta do pé; e, segundo me foi testemunhado pessoalmente por pessoas que o presenciaram, era mesmo possível meter um dedo por debaixo da curvatura formada pelos pregos retorcidos.

⁴Também do lado direito do peito, como que aberta por uma lança, aparecia uma chaga vermelha, da qual com frequência e com abundância corria sangue, a ponto de lhe salpicar a túnica e os calções interiores.

Foi exactamente a partir desse facto que os Irmãos encarregados de lhe lavar a roupa vieram a concluir sem sombra de dúvida que também no peito o servo do Senhor devia ter realmente impressa uma chaga, à semelhança do Crucificado – tal como acontecia nas mãos e nos pés.

4. ¹Tornava-se impossível ocultar aos Irmãos que com ele conviviam essas chagas tão notoriamente impressas nas carne: Francisco não poderia ter ilusões a tal respeito. Mas, por outro lado, também tinha receio de divulgar o segredo do Senhor. Daí o angustioso dilema que se lhe apresentava: seria melhor relatar a visão que tivera, ou continuar a silenciá-la? ²Para não ficar com remorsos de consciência, decidiu-se finalmente, e com muitas cautelas, a contar a alguns Irmãos mais íntimos o desenrolar da aparição. ³Mas acrescentou que algumas coisas que o Senhor nessa altura lhe revelara, não as poderia jamais transmitir a ninguém enquanto vivesse.

⁴Foi assim que o amor a Cristo, autêntico e profundo, *transformou* Francisco numa *imagem do mesmo* ⁴³ Cristo.

Passados os previstos quarenta dias de solidão naquele monte, quando chegou a festa de S. Miguel, desceu da montanha esse homem transformado em anjo: ⁵ trazia consigo a imagem do Crucificado – não uma imagem esculpida em pedra ou em madeira pelas mãos dum artista, mas uma imagem gravada na sua própria carne pelo dedo do Deus vivo.

5. ¹ A humildade do Santo bem se esforçava por encobrir as benditas chagas. Mas aprouve ao Senhor, para sua glória, realizar e patentear vários milagres por meio delas. Assim, veio a sua potência, embora oculta, a irradiar como astro fulgurante no meio das espessas trevas do mundo, por intermédio de incontáveis prodígios.

² Na região do Alverne, por exemplo, antes de o Santo aí passar essa temporada, era infalível de tempos a tempos formarem-se sobre a montanha espessas nuvens, dando origem a violentas tempestades de granizo que devastavam as colheitas. ³ Depois dessa ditosa aparição, porém, nunca mais caiu nenhuma saraivada. Era o espanto e a alegria geral. O próprio céu, ao contrário do que antes acontecia, apresentava um aspecto sereno, como para mostrar a excelência da aparição celeste e o poder das chagas aí impressas.

6. ¹ Na mesma época grassava na província de Rieti uma peste avassaladora. O gado bovino e ovino era vitimado duma forma tão generalizada, que não havia esperança de se vir a salvar nenhuma cabeça.

² Aconteceu então que um homenzinho, de profundos sentimentos religiosos, teve de noite uma visão: foi-lhe sugerido que se dirigisse sem demora ao ermitério dos Irmãos, onde o Bem-aventurado Pai se encontrava nessa altura, lhes pedisse água em que Francisco tivesse lavado as mãos ou os pés, e com essa água borri-fasse os animais doentes: assim a peste cessaria. O nosso homem foi logo a correr pôr tudo isso em execução.

⁴³ 2Cor 3, 18.

³E de facto, a essa água que tocara nas sagradas chagas concedeu o Senhor tal poder, que mal uma simples gota dela atingisse um animal doente, logo ele recobrava as forças e corria para as pastagens, como se não tivesse sido acometido por qualquer doença. O flagelo da peste estava esconjurado.

7. ¹Desde que foram assinaladas com as chagas, as suas mãos ficaram dotadas de poderes inverosímeis. O seu contacto salvífico restituía a saúde aos doentes, a sensibilidade e o movimento a membros ressequidos e paralisados, e até mesmo a vida e a cura instantânea aos que se encontravam feridos de morte. ²Mas dentre os inúmeros prodígios, para não me alongar demasiadamente, e antecipando um pouco, vou relatar apenas dois.

³Em Lérica, um indivíduo chamado João, grande devoto de Francisco, foi uma tarde ferido com tal gravidade, que não havia esperanças de poder sobreviver sequer até ao dia seguinte. ⁴Aparecendo-lhe então o Pai santíssimo, tocou-lhe as feridas com as mãos estigmatizadas: imediatamente o ferido ficou são e sem vestígios dos ferimentos.

⁵Em vista disso, toda a gente da povoação veio a concordar que Francisco era de facto um portador da Cruz salvadora, digno de toda a veneração.

⁶Na verdade, quem poderia deixar de se assombrar com o facto de um homem – aliás bem conhecido – quase ao mesmo tempo se sentir coberto de ferimentos gravíssimos e logo a seguir completamente curado? ⁷Quem poderia ter notícia de tal acontecimento sem transbordar em acção de graças? Que alma crente poderia enfim deixar de meditar com devoção num milagre onde se patenteava tão claramente a piedade e o poder de intercessão do Santo?

8. ¹Em Potenza, cidade da Apúlia, um clérigo de nome Rogério andava a pensar umas coisas um tanto esquisitas acerca dos sagrados estigmas de S. Francisco, quando de repente se sentiu ferido na mão esquerda: dava a impressão que a mão fora atingida por um projectil arremessado por qualquer arma invisível. Mas a mão estava protegida por uma luva, e essa luva apresentava-se absolutamente intacta... ²No entanto, durante três dias quase não

aguentava a violência da dor. Começou então a sentir remorsos e a pedir a São Francisco que pelas suas chagas gloriosas o socorresse. E ele atendeu-o, restituindo-lhe a saúde perfeita: a dor passou por completo, e desapareceu todo e qualquer vestígio do ferimento.

³De tudo isto ressalta que aquelas marcas benditas foram impressas e dotadas de virtudes miraculosas pelo poder daquele que provoca as feridas e as cura, castiga os obstinados e *sara os corações contritos* ⁴⁴.

9. ¹Compreende-se perfeitamente que o Santo houvesse sido condecorado com a honra insigne das chagas: não era a Cruz do Senhor o grande objecto do seu interesse, tanto privadamente como em público? ²A sua doçura e mansidão, a austeridade de vida, a humildade profunda, a obediência pronta, a pobreza extrema, a castidade imaculada; o arrependimento, os rios de lágrimas, a sua compaixão entranhada, o zelo apostólico, o desejo de martírio, os êxtases de amor – numa palavra, esse caudal imenso de virtudes de que Cristo foi o exemplo, a que outro fim poderiam levar senão à perfeita assimilação com o mesmo Cristo, preparando-o para receber os sagrados estigmas?

³A partir da conversão, todo o desenrolar da sua vida foi como a reconstituição dos mistérios da Cruz de Cristo – até que por fim, à vista do Crucificado sob a forma sublime dum humilde Serafim, todo ele ficou inteiramente transformado na imagem que tinha diante dos olhos, tal era o poder divino do fogo que o devorava.

⁴Assim o testemunharam sob juramento, com as mãos sobre os Evangelhos, muitos que tiveram a dita de presenciar, tocar e até beijar essas chagas benditas.

VII – A MORTE

1. ¹Doravante estava crucificado com Cristo, tanto na carne como no espírito. Arrebatado em Deus com toda a chama do seu amor seráfico, inflamado num zelo fervente pelas almas, tal como o Senhor na Cruz, também morria de sede pela salvação de todos.

⁴⁴ Lc 4, 18.

² Como as excrescências dos pés, em forma de pregos, lhe não permitiam caminhar, pedia que lhe levassem o corpo meio morto através de cidades e aldeias: ³ *como aquele Anjo que subiu do Oriente* ⁴⁵, assim ele *desejava avivar a chama do amor* ⁴⁶ de Deus nos corações dos fiéis, *guiar-lhes os passos no caminho da paz* ⁴⁷, *gravar-lhes no rosto o sinal do Deus vivo* ⁴⁸.

⁴ O seu maior anelo era retornar àquelas primeiras práticas de humildade, por exemplo ao tratamento de leprosos, voltar a reduzir à escravidão o corpo já alquebrado com tantos sofrimentos.

2. ¹ Propunha-se seguir a Cristo nos empreendimentos mais ousados; se para tal lhe faltavam as forças físicas, sobravam-lhe os recursos do espírito para vencer o inimigo em novos combates.

² Assim, aprovou ao Senhor redobrar-lhe os méritos por meio do sofrimento – já que é a paciência o verdadeiro caminho da perfeição: começaram a acometê-lo tão atrozmente as mais variadas moléstias, que todos os órgãos lhe estalavam de dor. Acabou por emagrecer, a ponto de ficar reduzido a pele e ossos.

³ Mas mesmo dilacerado por essas acerbadas dores, longe de as considerar inimigas que o afligiam, preferia tratá-las por irmãs: suportava-as com alegria e paciência, e por elas dava graças e louvores ao Senhor.

⁴ Aos Irmãos que lhe assistiam parecia-lhes terem ali à sua frente um outro Paulo a gloriar-se com alegria e humildade na Cruz de Cristo; ou um outro Job a aguentar imperturbável todos os contratempos.

3. ¹ Soube com muita antecedência quando passaria desta para melhor vida. E ao aproximar-se a hora do desenlace, anunciou aos Irmãos que não tardaria a sair do corpo, essa tenda onde a alma se tinha abrigado: fora o próprio Senhor que lho revelara.

² Dois anos depois de ter recebido as marcas dos sagrados estigmas, isto é, vinte anos após a conversão, pediu que o levassem

⁴⁵ Ap 7,2.

⁴⁶ Lm 2, 3.

⁴⁷ Lc 1, 79.

⁴⁸ Ap 7, 3.

para Santa Maria da Porciúncula: pretendia pagar o tributo à morte e receber o *prémio da recompensa* ⁴⁹ eterna nesse lugar, onde por mediação da Virgem Mãe de Deus, nascera nele o espírito de graça e de perfeição.

³Quando lá chegou, quis mostrar ao vivo como nada tinha a ver com o mundo. Apesar da extrema gravidade da doença que o havia de vitimar, pediu que o depusessem nu sobre a terra nua: nessa hora derradeira, quando talvez o inimigo mais se enfurecesse contra ele, queria poder lutar nu com o adversário nu.

⁴Assim ficou, deitado no chão, irmanado com o pó, esse atleta desnudado, a encobrir com a mão esquerda a chaga do peito, para que a não vissem, e o rosto, resplandecente de serenidade voltado para o Céu, como que já a vislumbrar a glória que o esperava. E começou a glorificar o Altíssimo, porque finalmente se via desembaraçado de tudo e ia subir para ele, inteiramente livre.

4. ¹Aproximava-se, enfim, a hora da viagem. Mandou chamar para junto dele todos os Irmãos que se encontrassem na Porciúncula. Com palavras de consolação tentou mitigar-lhes a dor da despedida, e exortou-os com paternal afecto ao amor de Deus.

²Como herança a transmitirem a todos os vindouros, deixou-lhes em testamento a pobreza e a paz. Recomendou-lhes que sempre orientassem seus desejos para os bens eternos e se acautelassem contra os perigos do mundo. ³Com toda a força persuasiva da sua palavra, encorajou-os a seguirem meticulosamente os passos de Jesus Crucificado.

⁴Os filhos do Patriarca dos Pobres formavam um círculo ao redor dele. O Santo, quase cego, – a *vista faltara-lhe não devido à idade* ⁵⁰, mas às lágrimas derramadas –, momentos antes de morrer, estendeu sobre eles as mãos com os braços em cruz – nesse gesto tanto do seu agrado – ⁵e abençoou todos os Irmãos, tanto os presentes como os ausentes, pelo poder e em nome do Crucificado.

⁴⁹ Fl 3, 14.

⁵⁰ Gn 48, 10.

5. ¹ Pediu em seguida que lhe lessem aquele trecho do Evangelho de S. João que principia assim: «*Antes da festa da Páscoa...*» ⁵¹ Queria dessa forma ouvir como que *a bater e chamar à porta a voz do Amado* ⁵², daquele Amado do qual apenas o separava um anteparo já muito ténue.

² Por fim, realizados nele todos os desígnios do Altíssimo, o Santo, a orar e a cantar, adormeceu no Senhor. A sua alma santíssima separou-se do corpo e foi absorvida no abismo da claridade eterna.

³ Exactamente a essa mesma hora, um dos seus Irmãos e discípulos, notável pela virtude, viu a alma ditosa do Santo subir direitinha ao Céu, sob a forma duma estrela refulgente encimando uma pequenina nuvem branca, por sobre uma imensa vastidão de água:

⁴ a sua alma, brilhante pela pureza da consciência e refulgente pelos méritos acumulados, subia assim, como impelida pela riqueza das graças recebidas e das virtudes que a tornavam semelhante a Deus, a fim de usufruir, sem a mínima dilação, da visão da luz e da glória celeste.

6. ¹ Na região da Campânia era nessa altura Ministro dos irmãos um homem todo de Deus, chamado Fr. Agostinho. Tinha perdido a fala havia muito tempo, e encontrava-se agora no último transe. Pois, para surpresa dos que lhe assistiam, pôs-se a gritar: «*Espera por mim, meu Pai! ²Espera por mim! Eu quero ir contigo!*»

³ Os Irmãos assistentes, estupefactos, perguntaram-lhe a quem é que ele estava a falar. Respondeu que estava a ver S. Francisco a subir ao Céu. E mal acabava de pronunciar estas palavras, também ele logo entrou no repouso feliz.

⁴ Ainda na mesma data, dirigia-se o bispo de Assis à ermida de S. Miguel no monte Gárgano, quando, exactamente na hora do seu passamento, lhe apareceu, todo radiante, S. Francisco, a dizer-lhe que deixava o mundo para jubilosamente subir ao Céu. Ao levantar-se no dia seguinte pela manhã, o bispo contou a visão que ti-

⁵¹ Jo 13, 1.

⁵² Ct 5, 2.

vera. ⁵E ao regressar a Assis, depois de colher informações rigorosas, veio a certificar-se sem sombra de dúvida que a hora exacta em que tivera a visão fora a hora em que o Santo Pai deixara este mundo.

7. ¹Também depois da morte do Santo quis Deus, em sua imensa bondade, manifestar, por meio de numerosos milagres, a sua santidade exímia. ²Bastava que o invocassem, e em consideração dos seus méritos o poder de Deus restituía a vista aos cegos, a audição aos surdos, a palavra aos mudos, o movimento e a sensibilidade a entevados e paralíticos. ³Escleroses, atrofias e fracturas, são curadas por completo, sem deixar vestígios; muitos presos são restituídos à liberdade e náufragos são conduzidos a porto de salvação; não poucas parturientes em perigo alcançam por meio dele um parto feliz; ⁴afugenta os demónios de possessos, estanca o sangue a hemorrágicos, rejuvenesce a carne a leprosos, restitui a uma saúde perfeita feridas mortais, e, acima de tudo isto, chega mesmo a ressuscitar mortos.

8. ¹São inúmeros, por toda a parte, os benefícios de Deus operados por seu intermédio.

Eu próprio, que escrevi estas linhas, tive ocasião de o experimentar e verificar em mim mesmo. Era eu ainda criança, quando fiquei gravemente doente. ²Pois bastou que minha mãe fizesse uma promessa ao Pai S. Francisco, para logo me ver arrebatado das fauces da morte e restituído à vida, incólume e robusto. ³Guardo ainda desse facto uma lembrança viva, e tenho gosto em o proclamar em público, pois não quereria que o meu silêncio me fizesse passar por ingrato.

⁴Portanto, ó ditoso Pai, aceita os nossos agradecimentos, embora eles não sejam condizentes nem com os teus méritos nem com os teus favores. Acolhe as nossas súplicas e orações e perdoanos as faltas, para que os teus fiéis devotos se vejam livres dos males presentes e sejam conduzidos à felicidade eterna.

9. ¹Para terminar, vai uma espécie de índice de quanto anteriormente disse:

² A conversão de S. Francisco
A eficácia da pregação
A excelência das virtudes
O espírito profético de interpretação das Escrituras
A docilidade dos seres irracionais
A impressão das sagradas chagas
A passagem gloriosa deste mundo ao Céu

³ Considerando bem estes sete assuntos, o leitor poderá descobrir sete provas indesmentíveis e incontestáveis de como ele foi apresentado ao mundo inteiro como o grande arauto de Cristo, *portador do estandarte do Deus vivo* ⁵³; por essa prerrogativa bem merece a nossa veneração, como pela doutrina que pregou merece a nossa adesão, e pela santidade com que resplandeceu, a nossa admiração.

⁴ Todos quantos *pretendem sair do exílio do Egipto* ⁵⁴ podem segui-lo com inteira confiança: arrimado à Cruz de Cristo, *ele abrirá o mar* ⁵⁵, ⁵ e os *fará atravessar desertos* ⁵⁶ e *ultrapassar o Jordão* ⁵⁷ até à *prometida Terra dos Vivos* ⁵⁸, onde entrarão pelo invencível poder da Cruz.

Nessa Pátria nos introduza, por intercessão de S. Francisco, Jesus nosso Salvador e nosso Guia.

⁶ A Ele, que com o Pai e o Espírito Santo forma uma Trindade perfeita, seja dado louvor, *honra e glória, pelos séculos dos séculos. Amen* ⁵⁹.

Fim da «Vida Menor» de S. Francisco

⁵³ Ap 7, 2.

⁵⁴ Êx 13, 17.

⁵⁵ Sl 135, 13.

⁵⁶ Cf. Sl 67, 8.

⁵⁷ Dt 27, 3.

⁵⁸ Cf. Ac 7, 5; Sl 141, 6.

⁵⁹ Ro 16, 27.